

A Entrada em Jerusalém

(Marcos 11:1–26)

Joe Schubert

Cada grande personalidade da história tanto fez amigos como inimigos. Jesus Cristo não foi uma exceção. Os escribas, fariseus, saduceus e romanos se opuseram a Ele.

Mas por que eles odiavam Jesus? A passagem sobre a qual estaremos baseando esta lição indica por que essas pessoas viraram-se contra Ele de modo tão radical. Essas indicações estão na forma de ações e reações.

O PEDIDO PARA ACHAREM UM JUMENTO

(11:1–11)

O capítulo abre com uma descrição do que ficou conhecido como a entrada triunfal de Jesus na cidade de Jerusalém, no domingo antes de Sua morte. Marcos diz:

Quando se aproximavam de Jerusalém, de Betfagé e Betânia, junto ao monte das Oliveiras, enviou Jesus dois dos seus discípulos e disse-lhes: Ide à aldeia que aí está diante de vós e, logo ao entrar, achareis preso um jumentinho, o qual ainda ninguém montou; desprendeí-o e trazei-o. Se alguém vos perguntar: Por que fazeis isso? Respondei: O Senhor precisa dele e logo o mandará de volta para aqui. Então, foram e acharam o jumentinho preso, junto ao portão, do lado de fora, na rua, e o desprenderam. Alguns dos que ali estavam reclamaram: Que fazeis, soltando o jumentinho? Eles, porém, responderam conforme as instruções de Jesus; então, os deixaram ir (vv. 1–6).

Essa não era a primeira visita de Jesus a Jerusalém. O Evangelho de João menciona visitas repetidas anteriores. De acordo com o registro de João, Jesus era um freqüentador regular das maiores festividades judaicas na cidade de Jerusalém.

Reconhecer esse fato nos ajuda a compreender melhor a procura por um jumento citada nesta passagem. As pessoas imaginam como Jesus sabia exatamente onde encontrar o jumento. É

admissível que Ele o soubesse através do Seu conhecimento sobrenatural. Mas duvido que tenha acontecido dessa maneira. Desconfio, sim, que, numa de Suas visitas anteriores a Jerusalém, Ele tenha combinado com um amigo que este deixaria o animal disponível para Ele.

Quando mandou os discípulos pegarem o jumento, Ele até lhes deu uma senha, uma senha que também fora previamente combinada: “O Senhor precisa dele”.

Como Marcos mencionou, ninguém jamais havia montado nesse jumento. Isso estava perfeitamente de acordo, porque um animal que fosse ser usado para um propósito sagrado não poderia ter sido usado antes para um outro propósito.

Quando Jesus entrou na cidade naquele dia, Ele estava cumprindo profecias que haviam sido feitas a respeito da Sua entrada centenas de anos antes. Em Zacarias 9:9 esse momento é descrito claramente como uma profecia. O profeta havia anunciado:

Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta.

O ato de Jesus estava cheio de simbolismo. O ato de montar no jumento simbolizava um rei chegando em paz. Marcos não nos diz que o animal era um jumento, mas Mateus e João dizem. Um jumento não era um animal menosprezado na Palestina. Ele era um animal nobre. Quando um rei na Palestina passeava pelas ruas a caminho da guerra, ele sempre montava num cavalo. Quando esse mesmo rei entrava numa cidade em paz, ele montava num jumento. O jumento era um animal nobre, geralmente usado por reis. Jesus, ao entrar na cidade montado naquele jumento, estava dizendo: “Venho como um rei, sim, mas um rei de paz”.

Quando Ele veio descendo pela encosta do

monte das Oliveiras, a multidão O recebeu assim como os profetas do passado preveram. O registro prossegue em Marcos 11:7:

Levaram o jumentinho, sobre o qual puseram as suas vestes, e Jesus o montou. E muitos estendiam as suas vestes no caminho, e outros, ramos que haviam cortado dos campos. Tanto os que iam adiante dele como os que vinham depois clamavam: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o reino que vem, o reino de Davi, nosso pai! Hosana, nas maiores alturas! (vv. 7-10).

O quadro geral é de uma multidão que não compreendia. É um quadro de pessoas que ainda estavam pensando no Messias em termos de vitória, termos em que eles pensavam havia centenas de anos. O que estavam oferecendo eram boas-vindas a um vencedor, mas jamais sonhavam com o rei de vitória que Ele seria. Os próprios gritos deles mostravam em que direção estavam seus pensamentos. Quando atiraram suas capas nas ruas para que Ele passasse por cima delas, estavam fazendo a mesma coisa que a multidão de 2 Reis 9 fez quando o sanguinário Jeú foi ungido rei de Israel. Estavam à espera de um rei terreno, um rei vitorioso. Quando as pessoas gritaram para Jesus: “Bendito o que vem em nome do Senhor”, estavam se referindo a Ele como o Messias. Os judeus sempre falavam do Messias usando a expressão “O que vem”. Jesus havia, de fato, declarado ser Ele o Messias, mas Ele fez isso de modo a mostrar que as idéias populares sobre Sua messianidade estavam erradas, mas o povo não entendia. Toda aquela recepção sugeria um conquistador que destruiria os inimigos de Israel. Eles simplesmente não entendiam.

Marcos diz no versículo 11: “E, quando entrou em Jerusalém, no templo, tendo observado tudo, como fosse já tarde, saiu para Betânia com os doze”. Esse parece ser um versículo insignificante, realmente, quando o lemos pela primeira vez. Mas ele diz muito mais nele do que geralmente vemos numa leitura casual. Essa visita inicial ao templo na noite de domingo era a visita oficial do Rei de Israel inspecionando o Seu povo. Naquela primeira noite, Jesus foi para o templo para verificar o batimento cardíaco da nação, porque no templo, onde se concentrava a adoração, onde os sacrifícios eram oferecidos, era possível auscultar o batimento cardíaco palpitante de toda a nação de Israel. Marcos diz que

ele observou tudo ao redor.

Naquela noite, no templo, Jesus estava deliberadamente assumindo a Sua tarefa maior. Ao observar tudo no templo Ele era como um comandante que calculando a força da oposição e também avaliando sua própria capacidade, seu próprio potencial, preparando-se para a batalha decisiva.

A MALDIÇÃO DA FIGUEIRA (11:12-14)

Marcos diz que Jesus passou aquela noite em Betânia, com Seus amigos, Maria, Marta e Lázaro. No dia seguinte, ao retornarem para o templo, Jesus fez um ato simbólico que se tornou uma parte intrigante da história de Sua última semana. Marcos diz:

No dia seguinte, quando saíram de Betânia, teve fome. E, vendo de longe uma figueira com folhas, foi ver se nela, porventura, acharia alguma coisa. Aproximando-se dela, nada achou, senão folhas; porque não era tempo de figos. Então, lhe disse Jesus: Nunca jamais coma alguém fruto de ti! E seus discípulos ouviram isto (vv. 12-14).

Os discípulos ficaram surpresos no dia seguinte, quando viram que a mesma árvore estava totalmente seca desde as raízes. Esse foi um milagre misterioso. Parece tão estranho à natureza de Jesus amaldiçoar uma árvore. Em nenhum outro de Seus milagres há uma ordem de condenação. Em nenhum outro de Seus milagres há a destruição evidente de alguma coisa como houve no caso dessa árvore. Além disso, parece estranho Jesus ter amaldiçoado e secado uma árvore que não dava figos quando a própria Bíblia diz que não era tempo de figos.

Para solucionar esse problema temos de saber mais sobre a natureza de uma figueira. Numa figueira as folhas nunca vêm antes do fruto. As folhas podem acompanhar o fruto, mas quase sempre aparecem depois do fruto. Em nenhum figueira brotam folhas antes de brotarem os figos. O fato de Jesus ver as folhas nessa figueira significava que ela estava anunciando a todos que por ali passavam que ela tinha figos. Jesus, estando com fome, foi até lá para pegar alguns frutos mas, para Seu espanto, não encontrou nenhum figo na árvore. Porque a árvore estava professando ter algo que ela não tinha, Ele a amaldiçoou e no dia seguinte os apóstolos verificaram que ela estava seca.

A figueira, sem dúvida, representava Israel. A nação judaica tinha muitas folhas mas nenhum fruto. Tinham as folhas do ritual, das regras e das leis religiosas. A religião judaica havia produzido folhas mas nenhum fruto. Os judeus se orgulhavam dos seus ancestrais físicos, dos sacrifícios diários no templo e dos seus rabinos, mas faltava neles o caráter piedoso que deveria ser característico do povo escolhido de Deus.

A figueira cheia de folhas e estéril representava a presunçosa nação de Israel, que fingia ter um fruto que não possuía. Jesus, simbolicamente, pronunciou uma sentença contra toda a nação de Israel amaldiçoando e secando miraculosamente a figueira estéril. Esses dois atos de Jesus foram, admissivelmente, drásticos. Ele quis deixar algo muito importante impresso nos corações dos apóstolos.

Israel sempre pensava em si como uma árvore que Deus havia plantado na Terra Prometida. Vemos esse simbolismo em Salmos 80. Prestemos atenção na descrição de Salmos 80:8-10:

Trouxeste uma videira do Egito,
expulsaste as nações e a plantaste.
Dispuseste-lhe o terreno,
ela deitou profundas raízes e encheu a terra.
Com a sombra dela os montes se cobriram,
e, com os seus sarmentos, os cedros de Deus.

A figueira estéril representa Israel, e a sequidão da árvore é uma parábola demonstrativa em que Jesus está usando a árvore para predizer o juízo que estava para cair sobre toda a nação judaica.

A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO (11:15-18)

Um dos melhores comentários já escrito sobre a maldição da figueira é, acreditemos ou não, o relato posterior que aparece imediatamente após este, de Jesus purificando o templo. A maldição da figueira e a purificação do templo têm uma ligação deliberada uma com a outra. Num sentido muito real, um episódio ajuda a explicar o outro. Marcos diz:

E foram para Jerusalém. Entrando ele no templo, passou a expulsar os que ali vendiam e compravam; derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. Não permitia que alguém conduzisse qualquer utensílio pelo templo; também os ensinava e dizia: Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as

nações? Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores (vv. 15-17).

Muitos vêem Jesus como uma pessoa tranqüila e de fala mansa. Mas essa imagem de Jesus está errada. Quando a ocasião exigia, Ele podia Se tornar agressivo, severo e vigoroso. Qualquer retrato completo de Jesus deve incluir honestamente esse incidente na Sua vida, quando Ele expulsou do pátio do templo aqueles que estavam abusando do povo.

De acordo com o Evangelho de João, três anos antes, bem no início do Seu ministério, Jesus tinha entrado no templo e varrido os cambistas de modo semelhante. Eles não ficaram longe por muito tempo. Agora Ele teria de fazer a mesma coisa novamente.

Esse incidente ocorreu na parte do templo chamada pátio dos gentios, o pátio externo do templo propriamente dito. Esse pátio deveria ser usado para oração e meditação, mas o ambiente nesse pátio na ocasião descrita no texto tornara-se tão comercial, com tantos cambistas comprando e vendendo, que era virtualmente impossível essa área ser usada para oração e meditação. O que piorava a situação era que os negócios que ali se faziam eram uma exploração exorbitante aos peregrinos que ali chegavam.

Todo judeu tinha de pagar ao templo um tributo de um ciclo e meio por ano. Judeus oriundos de todas as nações da terra iam à festa em Jerusalém, trazendo diferentes moedas. Eles tinham de trocar a moeda estrangeira pela moeda do templo a fim de pagar o tributo. Os cambistas armavam suas mesas dentro dos pátios do templo para fazer a troca de dinheiro, e o faziam a lucros exorbitantes. Os saduceus emprestavam o dinheiro e controlavam rigidamente o câmbio, e estavam ganhando altos lucros com essa atividade.

Determinados animais, como todos sabemos, eram exigidos pela lei judaica para sacrifícios. A dificuldade de transportar animais de criação e aves por uma longa distância tornava mais praticável comprá-los em Jerusalém. Podia-se comprar esses animais fora do templo na própria cidade, mas havia um empecilho. O templo tinha seus próprios inspetores de animais. Se uma pessoa comprasse um animal fora do templo e o trouxesse para dentro do pátio para oferecê-lo como sacrifício, os inspetores do templo geralmente encontravam algum defeito no animal. Todos trabalhavam juntos.

Marcos menciona especificamente pombas. Uma pomba era usada para um sacrifício oferecido por um judeu pobre, segundo a Lei de Moisés. As pombas eram vendidas a um preço seis vezes mais caro tanto dentro da área do templo como fora dela.

Os adoradores pobres e humildes estavam sendo lesados e fraudados por vendedores ambulantes santos. Jesus, enfurecido diante desse abuso, proclamou: “A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações. Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores”.

Essas duas afirmações: “A minha casa será chamada casa de oração” e “Vós a tendes transformado em covil de salteadores” são citações do Antigo Testamento, a primeira de Isaías 56, a segunda de Jeremias 7. Elas representam uma alegação por parte de Jesus de que Ele era o mensageiro de Deus que de repente viera ao Seu templo para restaurá-lo ao seu uso correto.

O registro bíblico continua no versículo 18:

E os principais sacerdotes e escribas ouviam estas coisas e procuravam um modo de lhe tirar a vida; pois o temiam, porque toda a multidão se maravilhava de sua doutrina. Em vindo a tarde, saíram da cidade (vv. 18, 19).

Sem dúvida, a atitude de Jesus na purificação do templo nesse dia aumentou a motivação dos Seus inimigos que planejavam destruí-LO. Indubitavelmente, foi esse ato de Jesus que desencadeou de vez a Sua morte dentro daquela mesma semana. Esse também foi o ponto de viravolta para a nação judaica. Os escribas e fariseus, desse momento em diante, não iriam mais tolerar nada do que Jesus fizesse ou dissesse. Isto selou a morte de Jesus mas também selou o destino deles.

A CONVERSA SOBRE FÉ (11:20–26)

No dia seguinte, voltando à cidade depois de terem se hospedado e pernoitado em Betânia, Jesus e os apóstolos passaram em frente à figueira. Os versículos 20 a 22 dizem:

E, passando eles pela manhã, viram que a figueira secara desde a raiz. Então, Pedro, lembrando-se, falou: Mestre, eis que a figueira que amaldiçoaste secou. Ao que Jesus lhes disse: Tende fé em Deus.

Essa resposta não é estranha? Essas pessoas estavam falando da figueira que secou e Jesus disse: “Tenham fé em Deus”. Que ligação pode haver entre fé em Deus e uma figueira seca? Todo tipo de ligação! Com essa resposta, Jesus estava dizendo aos apóstolos: “O que aconteceu com a nação de Israel pode facilmente acontecer com vocês. Essa figueira seca representa a secura e morte da nação de Israel. Se eles morreram, vocês também podem morrer. Escutem: a única esperança para Israel ou vocês, apóstolos, é manter a fé em Deus intacta. Sem essa fé em Deus, vocês vão secar, vão morrer desde a raiz assim como a nação de Israel”. A nação judaica foi amaldiçoada porque perdeu a fé em Deus. Em Sua resposta, Jesus não estava nos dando o segredo de como amaldiçoar uma figueira. Ele estava nos contando o segredo de como viver vidas vitoriosas. A nação judaica havia substituído a verdadeira vida de Deus por procedimentos vazios, rituais inexpressivos que os cobriam de um esmalte religioso externo, mas por dentro eram irreais e hipócritas. Haviam perdido a fé em Deus e a vida de Deus dentro deles havia secado e morrido.

Jesus prosseguiu dizendo algo mais enigmático. Disse Ele no versículo 23:

Porque em verdade vos afirmo que, se a alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele.

Esse é um daqueles versículos que não deve ser tirado do contexto. Se for removido do contexto, ele parece uma fórmula, um segredo, uma mágica para a realização de milagres. Jesus não está dando uma fórmula para atiramos montanhas ao mar. Ele está nos dizendo como é importante para nós continuarmos tendo fé em Deus, quando nos deparamos com dificuldades em nossas vidas que não podemos compreender.

Essa expressão era comum entre os judeus. Era uma expressão vívida referente à habilidade de se remover dificuldades. Era especialmente usada com referência a professores sábios. Um bom professor era aquele que era capaz, através do seu ensino, de remover as dificuldades das mentes de seus alunos. Um professor sábio era chamado de um removedor de montanhas. Esse é o sentido do comentário de Jesus. Jesus estava

dizendo que tendo fé em Deus temos fé num poder que nos capacita a enfrentar todo problema e resolver toda dificuldade.

E Jesus acrescentou nos versículos 24 e 25:

Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco. E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas.

Alguns manuscritos também acrescentam o versículo 26: “Mas, se não perdoardes, também vosso Pai celestial não vos perdoará as vossas ofensas”.

Todos nós sabemos o que esses versículos significam. Sabemos como um espírito que não perdoa pode ser fatal e destrutivo. Como ousamos pedir para sermos perdoados se alimentamos uma atitude de não perdoar e uma intolerância com os outros. Para falarmos com Deus deve haver um vínculo comum entre nós e o Deus com quem estamos tentando falar. A Bíblia diz: “Deus é amor”. Se o princípio que governa o coração de uma pessoa é amargura e um espírito não perdoador, essa pessoa já ergueu uma barreira em seu coração que a oração não pode penetrar. Que Deus nos ajude a perdoarmos uns aos outros. Isto não é uma opção; não é nenhum luxo. Trata-se de uma necessidade absoluta para esta vida. A base para perdoarmos é que alguém já pagou o preço. Alguém já assumiu a nossa dívida. Quanto mais devemos nós, então, estender essa mesma misericórdia, esse mesmo amor e perdão àqueles

que nos têm ofendido.

CONCLUSÃO

A condenação final do povo judeu veio porque eles retiveram as formas exteriores de religião, mas negaram o seu poder. Eles recitavam todas as passagens importantes das Escrituras. Participavam de todas as variações de um culto de adoração correto e digno, mas nada sabiam de religião como um poder dinâmico para transformar suas vidas.

Fico pensando se somos muito diferentes deles. Fico pensando se o nosso cristianismo domingueiro, nominal, indiferente e morno não é algo mais do que uma árvore cheia de folhas, porém, infrutífera.

A advertência com a qual Jesus encerrou o Seu sermão no monte ainda ecoa hoje em nossos ouvidos. Em Mateus 7:21–23 Ele adverte:

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.

O cristianismo, para valer a pena, tem de ser vivido genuinamente. A forma sem o poder para nada serve, assim como uma figueira estéril. ✦